



1. A questão do conhecimento na tradição empirista é marcada por seu caráter fundacional na medida em que procura fundamentar o conhecimento através da origem, isto é, compreender o modo pelo qual o sujeito se relaciona com objetos diversos de modo a apreendê-los enquanto ideias. A Teoria empirista se propõe a discutir e identificar um método capaz de justificar como legítima a pretensão do conhecimento sensível, afirmando que todo o conhecimento ou o conteúdo mental presente na mente humana pode ser resumido no conhecimento sensorial dado através da experiência imediata com o objeto. A tradição empirista não questiona, contudo, a natureza do próprio objeto do conhecimento, tomando-o como algo definido e pronto para ser absorvido pelo sujeito como ideia correspondente ao real.

Pode-se, a partir disso, compreender que a concepção de Berkeley em questão introduz o conceito idealista em que ideias são cópias ou representações mentais das coisas existentes, não podendo existir sem elas. Neste sentido, são as qualidades sensíveis dos objetos físicos que ^{atingem} ~~representam~~ nossa sensibilidade de modo obtendo sua ideia.

A crítica que Quine dirige a este aspecto da tradição empirista diz respeito à tese da correspondência evidente entre o intelecto e os objetos físicos, isto é, ao próprio objeto do conhecimento e a legitimação desta perspectiva como verdadeira. Segundo Quine, a diversidade de objetos físicos e não-físicos que podemos pensar compõem nossa "concepção de mundo", embora nem todos sejam de ordem material e, portanto, não tenham a sua "origem" nas sensações. A questão para Quine não é mais definir o percurso que é feito entre impressões e ideias, mas observar que aquilo que compõe nosso intelecto é objeto do pensamento e, epistemologicamente, não pode ser distinto enquanto objeto de outros elementos (objetos) que a integram.



2. A filosofia da ciência nos dias de hoje abarca necessariamente uma série de questões oriundas da problemática entre o conhecimento, a sociedade e os avanços tecnológicos. O debate acerca do fazer científico como aquele que, a partir de uma suposta neutralidade, alcançaria a verdade como fruto de um saber específico, torna-se acirrado fazendo questões referentes ao método indutivo e a crença em sua irrefutabilidade, bem como aos critérios que garantiriam a objetividade do saber científico.

A tese de Popper acerca de uma "confusão" entre valores científicos e extra-científicos como algo que interfere de algum modo na concepção de ciência se insere no debate filosófico a respeito do modo pelo qual a ciência procura apreender ou aproximar-se da verdade, traduzindo-se como uma crença na neutralidade de valores científicos, que, por sua vez, deveriam ser mantidos em sua integridade. A objetividade do saber científico caracteriza-se como um aspecto fundamental que confere a este saber seu lugar de destaque, garantindo-o como concepção que detém a verdade e que, portanto, pode responder aos enigmas do conhecimento. Popper reconhece, contudo, a impossibilidade de separar definitivamente o fazer científico de juízos / valorações extra-científicas, embora deixe clara que é tarefa da filosofia da ciência evitar e até mesmo excluir que elementos valorativos de outra ordem se 'misturem' ao saber científico. Deste modo, compreende-se que está sendo valorada a objetividade deste saber e as condições que legitimam esta objetividade.

Pode-se citar como algumas destas condições o próprio método indutivo e sua suposta irrefutabilidade. Popper observa que as Teses devem ser submetidas ao critério do falsificacionismo, rompendo com o mito da irrefutabilidade deste método. No entanto, é almejado que o indutivismo seja ainda a melhor forma de encontrar os critérios de veracidade de uma tese.

A problemática extraída desta concepção reforçada por Popper acerca dos valores científicos e extra-científicos parece lançá-lo na perspectiva da neutralidade da ciência, conduzindo à noção de que o saber científico não poderia/deveria dialogar com a diversidade de valores ou saberes não-científicos, sob o risco de comprometerem a objetividade e a verdade.



3. Um olhar sobre a questão do conhecimento na contemporaneidade pode ser fundamentado na concepção fenomenológica do conhecimento, descrevendo o conhecimento humano como uma relação entre o sujeito e o objeto na qual aquilo que é conhecido é aquilo que se apresenta como fenômeno. Distintamente do empirismo em que as ideias referem-se a conceitos intelectuais copiados das próprias coisas, na fenomenologia o sujeito cognoscente e o objeto relacionam-se dialeticamente proporcionando uma compreensão ^{cognoscível} interna de fenômeno.

Na crítica de Adorno, observa-se a insatisfação com o modo pelo qual as teorias do conhecimento têm apenas descrito o "rendimento cognoscitivo", antecipando-se a uma reflexão sobre o método do conhecimento, ao processo pelo qual se conhece.

Tanto no discurso fenomenológico quanto nas teorias que descrevem o conhecimento a partir da ciência tem-se procurado encontrar os critérios de verificação deste saber, a veracidade circunstada daquilo que se conhece, nos discursos profanados, embora não se observe que o método e os meios pelos quais se conhece a realidade, interagindo com esta, não sejam mais objetos do conhecimento. A tarefa da filosofia teórica, neste sentido, retomar ~~o~~ e inserir o problema do conhecimento como objeto de próprio conhecimento e assim refletir sobre o modo como nos relacionamos com o real.